

TEATRO DE ARENA

Continuação

Antonio Carlos Neves lembra, ainda, que o teatro não teria cobertura. No caso de se trazer uma peça do Rio, pagar viagem e hospedagem do elenco e, na hora das apresentações, chover, o prejuízo seria enorme. Marien acha até que se pode aceitar essa abertura num teatro de arena, rústico, um teatro medieval, "mas nós aqui teríamos o teatro de arena com uma programação permanente e isso não teria sentido. Eu fui muito mais coagido a decidir sobre isso por causa do problema ético, moral, que a Fundação tinha com Milson Henriques e Amylton de Almeida, autores de uma peça que foi praticamente elaborada para estrear o teatro de arena. A pressão começou exatamente aí. Então fui analisando a coisa e constatei que não bastaria utilizar o dinheiro da Funarte pura e simplesmente para fazer uma obra que, em pouco tempo... como o Teatro-Estúdio, que é uma obra de falta de bom senso".

Um aparte de Antonio Carlos Neves: "É que o Teatro-Estúdio não foi feito para ser uma casa de espetáculos". Marien responde, concordando, mas dizendo que falta de bom senso "é o que está lá". Luiz Tadeu Teixeira, coordenador de teatro da Fundação, argumenta que, apesar disso, o Teatro-Estúdio pode ser utilizado para apresentações, respeitado seu espaço limitado. Antonio Neves não aceita muito a opinião, mas admite, porque já fez uma temporada no local, com *O Santo e a Porca*. Antonio reafirma: "Estou dizendo que ele foi instalado para ser uma escola de teatro. De repente o transformaram de uma escola de teatro em uma casa de espetáculos". Luiz Tadeu acrescenta que o Teatro-Estúdio não perdeu suas características de escola, por continuar sendo local de cursos e de ensaios, além de espetáculos, até que Marien Calixte volta ao assunto principal: "Então, a Fundação verificou que havia problemas de caráter técnico, e ela tinha que refazer o projeto, inclusive por sugestão do doutor Sauer Brown. O próprio Luiz Paulo Dessaune, conversando comigo, disse: eu acho que você realmente deve fazer, estou pronto a colaborar com o DEO, com quem for, ir até ao Rio para estudar um novo projeto, melhorar o projeto; veio aqui com a maior boa vontade. Porque ele achava que está incorreto utilizar apenas o que está ali, um estudo de projeto, uma coisa interna. Bom, a Fundação assumiu a coisa, tudo bem. Quando assumi, peguei o DEO necessitando de verba, de dinheiro da Fundação, para dar continuidade à obra. Eu não dei continuidade à obra baseado, primeiro, em que o teatro tinha problemas de caráter técnico. O primeiro assunto que tratei aqui na Fundação, em termos de teatro, foi o teatro de arena. Segundo: levando em conta que Vitória já tem dois teatros com problema de administração: um, o Carlos Gomes, que é um teatro que exige um tipo de espetáculo muito especial, todos nós conhecemos os problemas do Teatro Carlos Gomes, com todas deficiências que ele tenha, e que sempre terá porque é um teatro que não tem condições de ter sua estrutura mudada. O Teatro-Estúdio, por sua vez, não deveria ser um teatro, como originalmente; a idéia de Teatro-Estúdio foi criada na minha administração no Serviço de Teatro em 1969, tempo de Plínio Marchini, ele pode ser testemunha disso, o Tadeu deve se lembrar dessa história, o Milson Henriques inclusive acompanhou como coordenador de atividades, nós tivemos a idéia de um teatro de arena o térreo do edifício das Fundações, onde está a galeria hoje, mas arena da seguinte forma: um palco móvel, cadeiras soltas, como uma espécie de escola e alguns espetáculos tipo estudantil, experimental, na época se falava muito em teatro experimental, daí extrapolou a idéia para se fazer um pequeno Teatro de Estúdio, daí a coisa foi se modificando, e eu não sei, até chegar o que é, ou seja, no Teatro-Estúdio você não tem nem um teatro nem um auditório".

QUAL A IMPORTANCIA?

Nesse ponto da discussão, foi colocada uma questão: a importância ou não do teatro de arena. Atualmente, as opções giram em torno do Carlos Gomes, luxuoso, com todo aquele aparato e com a agenda sempre cheia, e o Teatro-Estúdio, muito precário tecnicamente. São dois extremos. Para Milson Henriques, o teatro de arena, se construído dentro de suas características peculiares, seria uma grande abertura para os grupos, porque seria um teatro de maior acesso do público, mais democrático, e seria ideal para montagem de grupos amadores. A importância ou não de um teatro de arena para desafogar esse círculo vicioso envolvendo o Carlos Gomes e o Teatro-Estúdio foi colocada para discussão.

Antonio Carlos Neves: "Eu, pessoalmente, discordo disso. Acho que o teatro de arena seria uma grande abertura, realmente, porque você cria, não só para o espectador, como para o próprio ator, opções cênicas; um ator que trabalha só com palco italiano, ele se bitola, assim como cenógrafo, diretor, iluminador e toda equipe, e o público também, enquanto que o teatro de arena é uma nova opção. Você vai ter que criar uma iluminação diferente, um cenário diferente, partir para uma outra pesquisa. Agora, que seja a grande solução, acho que não, porque existem peças que podem ser montadas no teatro de arena e existem peças que não podem ser montadas em teatro de arena".

Quanto à popularização que um arena poderia trazer para o teatro capixaba, no sentido de um espectador mais humilde ser atraído por um teatro mais modesto do que o Carlos Gomes, por exemplo, Antonio Carlos Neves comenta: "Depende de como é construído o teatro de arena. Não se iluda com a idéia de teatro de arena como um negócio tipo circo, povo...".

Luiz Tadeu Teixeira também comentou:

"Essa idéia de teatro de arena é uma idéia já ultrapassada. Ninguém mais faz teatro de arena. O Teatro de Arena de São Paulo acabou, em termos de arena. Agora é um teatro em que você faz arena, palco italiano, sem palco, sem platéia, um teatro flexível, isso que é o teatro moderno".

Antonio Neves: "Eu concordo com isso. Existe um outro problema: é que há uma visualização acadêmica das pessoas quando ouvem falar a palavra teatro de arena de que significa circo, povo, picadeiro, mas não é nada disso...".

Luiz Tadeu: "É um conceito de estilo de interpretação. Quem deu o nome foi o pessoal lá do Guarneri, do Boal, que inventou uma forma. Você pode fazer arena no palco italiano".

Marien Calixte: "Na época que bolamos originalmente o teatro de arena aqui, o projeto que se deixou em 1969 era, na verdade, de um chão de cimento, inclusive uma idéia em que me apoiou do Rio, do hoje Teatro Teresa Rachel, naquela época em que se fez *Cemitério de Automóveis*, eu me apoiou lá, quem me deu a idéia foi Flávio Rangel, dizendo: você coloca cimento puro e algumas cadeiras...".

Antonio Neves: "Nós não fizemos teatro de arena no grupo Geração? Pegamos cimento puro e colocamos arquibancadas em volta".

Marien Calixte: "Exatamente. Um praticável arredondado cortado no meio, em que você mexe com iluminação em cima, só isso. Quer dizer, você dá aula, conversa, monta um espetáculo rápido, teatro infantil, a coisa primária, seria o experimental".

Antonio Neves: "Vou dizer duas coisas. Primeiro, você pode fazer um teatro de arena dentro do Carlos Gomes. Segundo: como nós fizemos no Grupo Geração, não tínhamos dinheiro nenhum, mas montamos um teatro de arena dentro de um auditório que era um refeitório; limpamos tudo, era chão de ladrilho, botamos arquibancada de madeira em volta; não tínhamos dinheiro para comprar refletor, o que fizemos? Pegamos lâmpada comum, um pouco mais forte, uma folha de zinco, fizemos uma espécie de funil, soldamos e encaixamos no teto com a lâmpada por dentro e deu um refletor. Eu acho que você pode fazer isso com menos de vinte mil cruzeiros. Fizemos com muito menos e era um senhor teatro de arena".

Luiz Tadeu: "O pessoal do Maranhão fez um. O SNT deu um prêmio a eles de trinta mil cruzeiros, eles montaram um teatro".

O presidente da Fecata, Antonio Rosa, perguntou então como fazer um teatro de arena no Carlos Gomes, relacionando a pergunta com o conceito da forma física e da forma cênica. Luiz Tadeu afirma que se trata, principalmente de um estilo de interpretação. Quando a discussão começava a ficar confusa, Antônio Neves respondeu a Antonio Rosa: "Você pega metade daquelas cadeiras, bota no palco e faz a arena no meio".

COMO MANTER?

Mais tarde, a discussão abordou os problemas financeiros atuais da Fundação Cultural, Marien Calixte falou: "Muita gente tem me procurado, o pessoal de teatro: mas, se a Funarte deu dinheiro, por que você não constrói o teatro de arena? Deixa lá, bota o negócio para funcionar. Por causa de negócios de bota pra funcionar, nós temos várias coisas paradas... Eu sempre me valho do bom senso, pelo seguinte: muito bem, prepara-se o teatro de arena, o DEO faz, a gente paga, tinha os recursos da Funarte, hoje já transferidos para o Centro de Artesanato, o teatro de arena já não existe para a Funarte, o que existe é o Centro de Artesanato, pode ser que se faça outro projeto no ano que vem, é outra coisa. Então, muito bem, inaugura-se o teatro de arena, agora pergunto a você: nós temos que ter lá porteiros, bilheteiros, técnicos de som, de iluminação, segurança interna, administração, fora disso o material permanente de manutenção, microfones, refletores, que é um material caríssimo, uma série de coisas técnicas, como é que você vai manter isso? Água, luz, telefone, limpeza. Quem vai dar esses recursos? A Fundação Cultural. De onde ela vai tirar, se ela, nesse momento, para contratar um espetáculo de dez, vinte, trinta mil cruzeiros, nós ficamos aqui fazendo aventuras mirabolantes da matemática para projetar uma pequena idéia? Como vou manter dez, quinze pessoas numa folha de pagamento sem poder pagar? O Governo do Estado paga? Paga, não tem problema a folha de pagamento dessas pessoas, agora isso implica em hora extra, gasolina, carro, fora o material, aí é que entra o problema, a manutenção desse teatro".

Marien acrescenta: "Outra coisa do teatro de arena que acho errado é colocá-lo no centro da cidade. Ele deveria estar em Gurigica, em Cobilandia, na Serra, em Carapina, em Camburi, em Campo Grande, Vila Velha, como o Circo da Cultura".

Aproveitando a citação sobre o Circo, Antonio Carlos Neves afirma: "Esta que é a grande solução. Não é o teatro de arena. O Circo da Cultura é que seria esse tipo de solução".

Marien: "O Circo é que seria a resposta. Inclusive tem um projeto do Tadeu de aproveitamento teatral do Circo, que está comigo, paralisado, exatamente por falta de recursos para manter o Circo da Cultura funcionando. Então teríamos com o Circo da Cultura as despesas naturais de você montar um serviço de som, iluminação, um palco digno para você poder, por exemplo, fazer um show, nós tínhamos um palco improvisado. A grande vantagem do circo é que ele é móvel".

Antonio Carlos Neves: "Quando falei que esta é que era a solução, falei de cadeira. Porque eu apresento *O Santo e a Porca* no Circo da Cultura em Guazapari, é um negócio de doido, fantástico, é um público fantástico. É um público sem preconceitos, é isso que é importante".

